

Texto revisto para a Casa da Leitura em 12 de Maio de 2007, originalmente publicado em: <http://derivadaspalavras.blogspot.com/2006/12/sophia-de-mello-breyner-andresen-e-sua.html>

Sophia de Mello Breyner Andresen e a sua obra para crianças e jovens

José António Gomes

RESUMO

Neste ensaio, José António Gomes caracteriza, do ponto de vista temático e estilístico, sublinhando as influências mais relevantes, a obra para crianças e jovens de Sophia de Mello Breyner Andresen, dando conta de várias possibilidades de leitura de uma das autoras mais importantes da literatura portuguesa.

Segundo testemunhos da própria Sophia de Mello Breyner Andresen, a sua obra para crianças nasceu como reacção contra o infantilismo de alguma literatura que, nas décadas de 40 e 50, era dada aos mais novos: «Comecei a inventar histórias para crianças quando os meus filhos tiveram sarampo» — lê-se num depoimento publicado em 1986. «Mandei comprar alguns livros que tentei ler em voz alta. Mas não suportei a pieguice da linguagem nem a sentimentalidade da “mensagem”: uma criança é uma criança, não é um pateta. Atirei os livros fora e resolvi inventar. Procurei a memória daquilo que tinha fascinado a minha própria infância. (...) Nas minhas histórias para crianças quase tudo é escrito a partir dos lugares da minha infância.» (in Soares (org.), 1986: 19).

Não surpreende assim que, nestes contos, seja possível redescobrir referências ao Natal, à viagem ou a certos espaços quase mágicos, como o mar, a praia, a casa, o jardim e a floresta, que marcam também presença na lírica de Sophia e nas suas narrativas «para adultos»: *Contos Exemplares* (1962) e *Histórias da Terra e do Mar* (1984). No seu conjunto trata-se, de facto, de uma produção de grande unidade ideotemática e estilística, acerca da qual Maria Graciete Besse (1990: 11) escreveu: «A obra poética (...) exprime o amor da vida e uma profunda exigência moral, através de símbolos marinhos e aéreos, que revelam um cunho visionário e uma constante busca da perfeição. Esta exigência, herdeira da liberdade e da luta pela dignidade do ser, encontra-se também nos textos em prosa.»

A escrita de Sophia destinada a crianças, cuja harmonia no plano rítmico é por de mais evidente, produz um efeito quase encantatório, sendo as obsessivas enumerações presentes na sua prosa servidas pela sábia combinação de nome e adjectivo e por uma

sintaxe peculiar que recorre com frequência a estruturas de tipo anafórico, ao polissíndeto e ao assíndeto. Das imagens emana uma sensorialidade que encontra paralelo num discurso fluente, marcado por aliterações, assonâncias, subtis rimas internas, cujo léxico (obsessivo) se reporta sobretudo ao mundo natural, fixando-se nos elementos ligados à água, à terra, ao ar e ao fogo. Se, no plano sintático, esse discurso procura quase sempre ir ao encontro da limitada competência linguística do seu destinatário extratextual – a criança –, nunca resvala para a facilidade; antes encontra, em certas estruturas frásicas e textuais aparentemente elementares, o modo mais adequado de exprimir a beleza do mundo, a complexidade dos sentimentos e das fantasias pessoais. À maioria dos contos que constituem esta obra não é estranho o conhecimento da literatura de fantasia nórdica e anglo-saxónica, registando-se evidentes relações dialógicas quer com a restante obra lírica e narrativa da autora (v. Rocha, 1980: 65, sobre a intertextualidade homo-autoral), quer com grandes clássicos da literatura universal (para adultos e para crianças): os contos de fadas e as *Mil e Uma Noites*, Homero, Ovídio, Camões, Boccaccio, Shakespeare, Collodi e Andersen, entre outros.

Tanto *O Rapaz de Bronze* (1956), *A Fada Oriana* (1958), *A Menina do Mar* (1958) e *A Noite de Natal* (1960) como *O Cavaleiro da Dinamarca* (1964), *A Floresta* (1968), *O Anjo de Timor* (2004) e os recontos que é possível ler em *A Árvore* (1985) e «A cebola da velha avarenta» (in *A Antologia Diferente: De que São Feitos os Sonhos*, 1986), a par da curta peça teatral *O Bojador* (1ª ed., [1961]; 2ª ed., 2000), representam, na sua maioria, momentos altos da história da literatura portuguesa para crianças. Sem se assumirem declaradamente como obras moralistas, não restam dúvidas de que a sua inteligente urdidura aponta para um dever ser, em que surgem valorizados a Natureza, a harmonia, o equilíbrio e a justiça. À condenação do egocentrismo e do artificialismo, da hipocrisia e da perversão originada pelo apego aos bens materiais, opõem-se a amizade, o amor, a paz e a generosidade, bem como a exaltação do humanismo cristão, do valor social e ético da obra de arte e da fidelidade a princípios antigos e universais.

A atmosfera das principais narrativas para crianças (as dos anos 50 e 60) permite-nos quase sempre penetrar em espaços a cuja ordem subjaz uma lógica do maravilhoso – com a presença de fadas, anões, animais humanizados e transformações mágicas –, indissociável porém de um quadro ético, em que as acções «humanas» dos diferentes heróis (a que correspondem, normalmente, opções morais) surgem como determinantes no evoluir das histórias.

Em *A Fada Oriana*, a protagonista é vítima do seu próprio narcisismo e, após um percurso probatório, readquire a condição de fada. «*Confia nas crianças, nos sábios e nos artistas*» – recomenda o Rei dos Anões ao anão de *A Floresta*, uma parábola de reconhecíveis implicações políticas¹ sobre a corrupção espiritual e os malefícios associados ao ouro e à riqueza, compreendidos por Isabel (a criança), por Cláudio (o músico) e pelo próprio anão. *A Noite de Natal* oferece-nos uma imagem renovada do maravilhoso cristão (e do ideal que o inspira), plena de significado social e individual. Várias das personagens

¹ Existirá, na literatura portuguesa para crianças, outra obra que de modo tão cristalino e veemente condene o sistema capitalista e os seus malefícios?

infantis de Sophia apresentam-se-nos, é certo, como crianças sem dificuldades materiais. Mas, além da solidão e da orfandade afectiva que por vezes as caracteriza, e que são também atributos da protagonista de *A Noite de Natal*, surge neste conto a orfandade social de Manuel, como uma reencarnação de Cristo, que no final vem dar sentido aos valores da amizade, da partilha e da busca de uma união entre o humano e o sagrado. Sob a forma de uma quase-fábula poética protagonizada pelas flores de um jardim e por uma estátua viva – que nos traz à memória alguns contos de Hans Christian Andersen – *O Rapaz de Bronze*, por seu turno, antecipa a visão crítica de uma organização social hierarquizada e injusta que mais tarde reencontramos nos livros «para adultos» *Contos Exemplares* e *Histórias da Terra e do Mar*.

Obra de síntese, afirmando a vitória da inteireza moral e da abnegação sobre a vertigem e as forças da perversão, mais longa e complexa que os restantes livros, a narrativa *O Cavaleiro da Dinamarca* ilustra a grande viagem iniciática e probatória que – colocando o protagonista ante uma sucessão de figuras humanas, eventos e lugares míticos – tudo revela a esse cavaleiro impoluto: o perigo e as tentações, o valor da família, os exemplos de heroísmo, a paixão e a arte. Para não falar da tensão (não inteiramente resolvida) entre uma visão teocêntrica e um novo olhar antropocêntrico que emerge do Renascimento – tensão essa que abre para uma das zonas de interpretação mais estimulantes da obra. Pelo meio, é possível visitar a Dinamarca, a Terra Santa, a Itália do norte e a Flandres. Sente-se o fascínio pelo esplendor humanista (a acção desenrola-se no século XV) e pela grande aventura dos descobridores portugueses, no que é apresentado como «um tempo novo» para a Europa e o mundo, sem contudo se ignorarem as tensões decorrentes do (des)encontro de culturas e até de etnias. Tudo plasmado num encadeamento de narrativas modelizadoras encaixadas na história principal: a história de Vanina (quase uma versão de «Romeu e Julieta», de final não deceptivo), as vidas de Giotto, de Dante, e as aventuras de um marinheiro flamengo e de um português, Pero Dias. Deste modo, a obra representa também uma apaixonada homenagem, quase sempre implícita, às narrativas da grande tradição cultural do Ocidente: a *Bíblia*, a *Divina Comédia*, o *Deccameron*, os livros de viagens, as crónicas navais...

A Menina do Mar é na aparência talvez a mais simples, mas sem dúvida uma das mais belas narrativas de Sophia, onde os tópicos recorrentes na sua obra ganham novos matizes e os seus lugares de eleição (o mar, a casa nas dunas, o jardim de areia) adquirem dimensões simbólicas peculiares – resultado, afinal, de uma maravilhosa reelaboração de densas memórias de infância, ligadas à Praia da Granja. Sem enveredar pela dimensão trágica das «Ondinas» de Andersen e de Jean Giraudoux ou de *L'Enfant de la Haute Mer*, de Jules Supervielle, mas oferecendo-nos algumas descrições poéticas da natureza marinha que evocam as do grande romântico dinamarquês, a obra narra a história de uma amizade construída contra «um tempo dividido», entre um rapaz, uma menina do mar (que lembra também a Polegarzinha de Andersen) e os seus amigos: um polvo, um caranguejo e um peixe. Depois de aventuras e desventuras várias, por onde se insinuam a revelação mágica do mundo, a paixão pelo oceano e uma angustiada espera de ressonância sebastianista, surge enfim a festa, num palácio subaquático. Partindo da poderosa tradição simbólica associada ao mar e aos seus elementos, Sophia constrói uma narrativa de profundas implicações psicanalíticas (como a fantasia do regresso ao útero

materno) que o limitado espaço deste texto não permite sequer aflorar. Uma narrativa que é simultaneamente a afirmação do direito à liberdade afectiva e a expressão de um anseio de equilíbrio e harmonia, no quadro de uma fantasia de retorno às fontes da vida – essa dimensão em que o ser não possui ainda a consciência do tempo e da morte.

É de recordar ainda que, além das narrativas originais que escreveu, das histórias tradicionais portuguesas e japonesas que recontou e da já citada peça *O Bojador*, Sophia de Mello Breyner Andresen organizou duas belíssimas antologias de poesia em Língua Portuguesa destinadas à infância e à juventude: *Poesia Sempre* e *Primeiro Livro de Poesia* – e pena é que a primeira, em dois volumes, não se encontre reeditada².

A terminar, registe-se a profunda ligação dos contos escritos por Sophia ao Porto e suas imediações. Nascida nesta cidade, a autora passou parte da infância na Quinta do Campo Alegre (que inspiraria as florestas e jardins dos seus contos para crianças) e na Praia da Granja, a que *A Menina do Mar* veio conferir uma certa auréola mítica.

Referências bibliográficas

- ▶ BESSE, Maria Graciette (1990). *Sophia de Mello Breyner: Contos Exemplares*. Mem Martins: Europa-América.
- ▶ ROCHA, Clara Crabbé (1980). *Os Contos Exemplares de Sophia de Mello Breyner Andresen*. 2ª ed., Coimbra: INIC.
- ▶ SOARES, Luísa Ducla (org.) (1986). *A Antologia Diferente: De que São Feitos os Sonhos*. Porto: Areal.

² Quase todas as obras de Sophia de Mello Breyner Andresen destinadas a crianças se encontram editadas pela Figueirinhas, do Porto, e têm conhecido numerosas reedições, o que atesta a popularidade destes livros, confirmada também no facto de os programas e as práticas de leitura escolares os terem acolhido sem reservas (fazem parte, por exemplo, das listas de obras para leitura orientada do programa de Português do 2º ciclo do Ensino Básico). Apenas se não encontram editados pela Figueirinhas os livros *O Bojador* e *Primeiro Livro de Poesia* (1991) – que têm a chancela da Caminho –, *O Anjo de Timor* (obra publicada pela Cenateca, do Marco de Canaveses), «A cebola da velha avarenta» (que integra uma colectânea coordenada por Luísa Ducla Soares e editada pela Areal – v. Referências bibliográficas) e ainda a antologia *Poesia Sempre I* (em colaboração com Alberto de Lacerda; Lisboa, Livraria Sampedro Ed., s.d.) e *Poesia Sempre II* (Lisboa, Livraria Sampedro Ed., s.d.).